
50 anos do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da FFLCH – USP
Special section: 50th Anniversary of The Program in Brazilian Literature of University of São Paulo

Amanda Angelozzi

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9561-9636>

Cláudia Ayumi Enabe

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1430-9490>

Fernando Borsato dos Santos

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9487-4619>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2022.199758>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/199758>

Recebido em: 02/07/2022. Aprovado em: 03/07/2022.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira


São Paulo, Ano 11, n. 20, jan.-jul., 2022.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.

Contato: opiniaes@usp.br

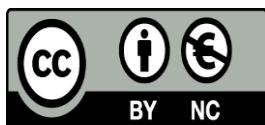
 [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)

 [@revista.opiniaes](https://www.instagram.com/revista.opiniaes)

Como citar (ABNT)

ANGELOZZI, Amanda, ENABE, Cláudia Ayumi e SANTOS, Fernando Borsato dos. 50 anos do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da FFLCH – USP. *Opiniões*, São Paulo, n. 20, pp. 393-426, 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2022.199758>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/199006>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais.

notas preliminares para esta seção especial

Após organizarmos o evento *online* que ocorreu no ano passado em comemoração aos 50 anos do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira (PPGLB), do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV), da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH – USP), fomos convidados pelas editoras deste número da *Opiniões* para editar esta seção da revista. Ficamos muito gratos pelo convite, que foi aceito prontamente. Tal data é significativa e não pode ser esquecida, pois é um marco tanto para os estudos de literatura, como também para a pesquisa e resistência das humanidades no Brasil.

Esta seção tem como finalidade difundir – e desenvolver – em novos círculos, registros e suportes a iniciativa de recuperação da memória do Programa em questão, que surgiu no processo de organização do evento. A seção inicia com um texto de apresentação em que exibimos algumas informações coletadas aqui e ali sobre a história do PPGLB e em que discutimos alguns aspectos da idealização do evento. Em seguida, reunimos quatro depoimentos de professores sobre suas vivências nos momentos iniciais dessa história: Alcides Villaça, Flávio Wolf de Aguiar, Luiz Roncari e Nádia Battella Gotlib. No próximo número, pretendemos publicar uma segunda parte, em que reuniremos depoimentos de professores em atividade e alunos e ex-alunos do Programa.

Agradecemos a todos os professores, funcionários e alunos que, dia a dia, ao longo desses 50 anos, proporcionaram e proporcionam que a história do Programa possa ser contada, construída e vivida. Também não podemos deixar de agradecer aos participantes do evento e aos professores que contribuíram para esta seção, em mais uma etapa dessa iniciativa, com seus olhares atentos e sensíveis. Por fim, agradecemos a você, pela leitura, e à revista *Opiniões*, por proporcionar mais uma oportunidade de fazer ecoar essa memória.

Editoras e Editor da Seção Especial Depoimentos da *Opiniões* n. 20

Amanda Angelozzi, Cláudia Ayumi, Fernando Borsato

50 anos do programa de pós-graduação em literatura brasileira da fflch-usp: memória, afeto, legado e resistência

Por Amanda Angelozzi¹,
Cláudia Enabe²
e Fernando Borsato³

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta,
procura salvar o passado para servir o presente e o futuro.

Jacques Le Goff

Fundado em 1971, o Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira (PPGLB), do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV), da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH – USP) completou seus cinquenta anos de existência no ano de 2021. Referência nacional e internacional em estudos literários, o Programa em questão reúne extensa tradição na pesquisa da literatura e cultura brasileiras, além de contar com nomes decisivos, entre docentes e discentes, para a formação da inteligência nacional. Palco da produção de análises e edições de textos literários, bem como espaço de diálogos entre autores e pesquisadores, o Programa entrelaça, nas salas,

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). É bacharela e licenciada em Letras pela mesma instituição com dupla habilitação em Português e Italiano e licenciada em Pedagogia pela Universidade Cruzeiro do Sul. E-mail: angelozzi02@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9561-9636>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4283330441527187>.

² Mestranda em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Graduada em Letras, com habilitação em Linguística e Português, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Pesquisou o romance *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar, junto à área de Literatura Brasileira desta instituição, desenvolvendo projeto de iniciação científica apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Atualmente, estuda o amor como estrutura discursiva na contística de Lygia Fagundes Telles. Possui interesse, sobretudo, em literaturas de língua portuguesa modernas e contemporâneas. Participa do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ficção Brasileira, coordenado pelo Prof. Dr. André Luis Rodrigues, na Universidade de São Paulo. E-mail: claudia.enabe@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1430-9490>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7842549612179140>.

³ Doutorando do Programa de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo -FFLCH-USP. É mestre em Letras (Literatura Brasileira -FFLCH-USP), Bacharel em Letras (Português e Inglês - FFLCH-USP), membro do Grupo de Pesquisa CNPq Da autoria literária: história, atualidade e perspectivas, e assistente editorial da Machado de Assis em linha -revista eletrônica de estudos machadianos (Qualis A1). E-mail: fernando.borsato.santos@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9487-4619>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9707708253062422>.

bibliotecas, cafés e corredores da Universidade, também a afetividade de alunos e professores interessados na ampliação e preservação desse legado para o pensamento crítico brasileiro.

Em tempos em que a memória do país é constantemente ameaçada, assim como a cultura, a ciência e a educação, a sua preservação torna-se uma forma de resistência fundamental. A partir dessa percepção, demos início, em meados do ano passado, à recuperação da memória do PPGLB, considerando a importância dessa efeméride. Após tomarmos conhecimento de que nenhuma atividade estava programada para o aniversário do Programa, em função do excessivo volume de atribuições aos professores, segundo nos informou a professora Simone Rossinetti Rufinoni, então coordenadora da área, decidimos seguir sua sugestão e dar forma a essa iniciativa.

Conforme começamos a procurar pelos arquivos do Programa, notamos que não seriam fáceis as empreitadas de realização desse evento e de recuperação da memória do PPGLB. A documentação referente aos anos iniciais do Programa está dispersa e, de certo modo, perdida, pois boa parte do seu arquivo físico anterior à década de 1980, quando se iniciou a informatização dos processos administrativos da Universidade, foi descartado. Além dessas lacunas nos arquivos do Programa, os limites da memória humana e a partida de muitos professores e funcionários fazem com que algumas histórias, talvez, não possam mais ser contadas. Isso mostra a relevância dessa data e do esforço para trazer à luz a memória do PPGLB. As informações e os documentos reunidos até o momento, com a ajuda dos professores Antonio Dimas, Hélio de Seixas Guimarães e Marcos Moraes, bem como de funcionários do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV) e da Administração da FFLCH – Gabriel Carra, Júlio Henrique Hiroyuki Fuji e Maria da Luz de Freitas Obata –, são diversos, embora lacunares, e, pouco a pouco, vêm revelando aspectos do PPGLB que servirão como subsídios para a escrita de uma história do Programa.

A cadeira de Literatura Brasileira foi criada na Universidade no ano de 1942 a partir de sua separação da antiga cadeira de Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira, o que possibilitou, posteriormente, a criação do PPGLB. Teve como primeiro titular o professor Mário Pereira de Souza Lima, que obteve a cátedra em concurso realizado em 1945.⁴ A cadeira do professor Lima foi sucedida pelo professor José Aderaldo Castello que, juntamente com os professores Alfredo Bosi e Antonio Candido, compôs banca avaliadora para a contratação de professores para o PPGLB em 1976, cinco anos depois de sua criação. Desse concurso, aliás, participaram outros nomes que também viriam a fazer parte da construção da história e da identidade do Programa: Alcides Villaça, Antonio Dimas, Flávio Wolf de Aguiar, José Miguel Wisnik, Roberto de Oliveira Brandão e Zenir Campos Reis.⁵

Caso que se pode imaginar pela composição da banca avaliadora do concurso de 1976, a parceria entre Teoria Literária e Literatura Comparada e Literatura Brasileira, sobretudo nas figuras de Castello e Candido, nas palavras de

⁴ Cf. DIMAS, Antonio. “Literatura Brasileira: linhas de pesquisa”. *Estudos Avançados*, 8(22), 1994, p. 434.

⁵ Cf. SEVILLANO, Daniel Cantinelli. “A história por trás de uma foto”. *Informe: Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP*. Ed. Especial 2004, vol. II. São Paulo: SDI/FFLCH/USP, 2006, pp. 221-222.

Antonio Dimas, era, de fato, “fecunda e harmoniosa”; ou, ainda, nas palavras do próprio Castello, tratava-se de um relacionamento “harmonioso, perfeito” entre as cadeiras.⁶ À época, Castello era também diretor do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), cargo que ocupou entre 1966 e 1981, o que revela a proximidade da área de Literatura Brasileira com o Instituto criado por Sérgio Buarque de Holanda em 1962, já em sua origem.

Dessa harmoniosa composição, como recuperou Antonio Dimas, nasce também o início do financiamento a pesquisas sobre a literatura brasileira, por meio da inserção das Letras na Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo (FAPESP) operada por Antonio Candido um ano após a criação do IEB. Após o primeiro pleito vitorioso conquistado por Candido, em 1963, na concessão da primeira bolsa destinada a área de Letras pela FAPESP, cedida à doutoranda em Literatura Brasileira da FFLCH, Pérola de Carvalho, para o estudo e investigação de relações entre Machado de Assis, Laurence Sterne e Xavier de Maistre, Candido assegurou sua continuidade na Fundação com a proposição de novo projeto em torno de outra figura decisiva para o nosso processo de modernização: Mário de Andrade. Em articulação e parceria com Castello, Candido iniciava o projeto de transferência do acervo de Mário de Andrade para o IEB-USP junto a FAPESP, para a qual solicitava, também, bolsas de estudo para Maria Helena Grembecki, Nites T. Feres e Therezinha Aparecida Jardim Porto, professora especialista do Acervo Mário de Andrade, Telê Porto Ancona Lopez – a carta em que consta o pedido de bolsa pode ser vista no apêndice desta seção.⁷

De lá para cá, muitos outros nomes passaram a compor essa história e o próprio Programa foi sendo ampliado e reconfigurado. Veja-se, por exemplo, que as 4 linhas de pesquisa que hoje norteiam os interesses do PPGLB (A poesia no Brasil; A prosa no Brasil; Historiografia e crítica literárias; Literatura, as demais artes e outras áreas do conhecimento) nem sempre foram delimitadas assim. Até 1994, o Programa incluía, na relação de suas linhas de pesquisa, também projetos de pesquisa individuais, *approach* ou pressupostos teóricos de cada docente, de modo que, à época, eram listadas 31 “linhas” – o documento que contém essa lista também consta no apêndice. Essa disposição foi sendo repensada e reduzida com o passar dos anos, sendo 15, em 1994, e 4, atualmente, que, de fato, congregam diferentes projetos de pesquisas.⁸

Por meio de consulta ao sistema Janus e aos funcionários do DLCV mencionados, verifica-se também que, de 1982 até maio de 2022, o PPGLB teve 566 pesquisas – dissertações e teses – defendidas, orientadas por diversos professores, alguns com longas e outros com curtas passagens pelo Programa: Alcides Celso Oliveira Villça; Alfredo Bosi; Antonio Dimas de Moraes; André Luis Rodrigues; Augusto Massi; Cecília de Lara; Cilaine Alves Cunha; Eduardo de Almeida Navarro; Eliane Robert Moraes; Erwin Torralbo Gimenez; Fabio Cesar Alves; Flávio Wolf de Aguiar; Hélio de Seixas Guimarães; Ivan Francisco Marques; Jaime Ginzburg; Jefferson Agostini Mello; João Adolfo Hansen; João

⁶ Cf. DIMAS, Antonio. “Antonio Candido e as letras, na Fapesp”. *Revista USP*, São Paulo, n. 118, julho/agosto/setembro 2018, p. 40.

⁷ *Idem*.

⁸ As 15 linhas de pesquisa resultantes de reunião entre os professores, ocorrida naquele ano, podem ser conferidas em DIMAS, Antonio. “Literatura Brasileira: linhas de pesquisa”. *Estudos Avançados*, 8(22), 1994, pp. 433-434.

Roberto Gomes de Faria; José Alcides Ribeiro; José Antonio Pasta Júnior; José Carlos Garbuglio; José Miguel Soares Wisnik; Lúcia Granja; Luiz Dagobert de Aguirra Roncari; Marcos Antonio de Moraes; Murilo Marcondes de Moura; Nádia Battella Gotlib; Ricardo Souza de Carvalho; Roberto de Oliveira Brandão; Simone Rossinetti Rufinoni; Therezinha Aparecida Porto Ancona Lopez; Vagner Camilo; Valentim Aparecido Facioli; Yudith Rosenbaum; Zenir Campos Reis.

Na década de 1980, havia apenas seis professores orientadores: Alcides Celso Oliveira Villaça, Alfredo Bosi, Antonio Dimas de Moraes, Cecília de Lara, José Carlos Garbuglio e Roberto de Oliveira Brandão. Nessa década, 11 pesquisas foram defendidas no PPGLB. O Programa apresentou expressivo crescimento nas décadas seguintes: entre 1990 e 1999, 116 pesquisas foram defendidas, sendo que Clarice Lispector e Machado de Assis foram os autores mais estudados durante esse período. Na década seguinte, de 2000 a 2009, foram 207 pesquisas, o maior número da história do PPGLB. Nesse período, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Machado de Assis e Mário de Andrade foram os autores mais estudados. Entre 2010 e 2019, o número de pesquisas defendidas foi de 199 e os mesmos autores da década anterior seguiram como os mais estudados. Por fim, de 2020 até maio de 2022, o Programa conta com 33 pesquisas defendidas e esperamos que esta seja mais uma década promissora, a despeito das dificuldades contingentes.

Em meio a esse processo de procurar e abrir os baús da memória do Programa, que foi feito durante o isolamento social e outras dificuldades restritivas instauradas pela crise sanitária originada pelo Coronavírus, fomos percebendo que contar a história do PPGLB não poderia se restringir à apresentação sumária de seus números. Embora o levantamento de índices de produção e outros dados estatísticos e burocráticos sejam claramente importantes, sua história passa, também, pelas experiências vividas nas relações profissionais e interpessoais de professores e alunos, muitas vezes na relação orientador-orientando.

A partir disso, ao final de seis meses de reuniões, muitos contatos (virtuais) e o apoio imprescindível dos professores Hélio de Seixas Guimarães, Marcos Moraes e Simone Rossinetti Rufinoni, organizamos três dias de conversas entre três gerações de pesquisadores do PPGLB – o evento “50 anos do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da USP”. Cada dia foi composto por três mesas, em que participavam um professor aposentado, um professor em atuação e um aluno do Programa para conversarem entre si sobre suas experiências no PPGLB. O evento contou, ainda, com a abertura do professor Erwin Torralbo Gimenez, atual coordenador da área, e aconteceu entre os dias 24, 25 e 26 de novembro de 2021. Com transmissão ao vivo pelo canal do IEB no Youtube,⁹ gratuitamente, a todos, o evento ocorreu com a parceria entre DLCV e IEB,¹⁰ duas instituições ligadas à origem do PPGLB.

No processo de organização das mesas, procuramos por um ordenamento afetivo-geracional, de modo que orientandos e orientadores tivessem a oportunidade do encontro e da conversa. Os vínculos não apenas profissionais, mas também afetivos entre as gerações de pesquisadores, ficaram especialmente

⁹ Disponível nos canais do Youtube do IEB (<https://www.youtube.com/watch?v=jcgbsjG1EVY>) e USPFLCH (<https://www.youtube.com/watch?v=59NCGsT-sik>).

¹⁰ Página do anúncio do evento no site do IEB (<https://www.ieb.usp.br/50anos-ppg-lb/>) e no site da Literatura Brasileira FFLCH-USP (<https://literaturabrasileira.fflch.usp.br/node/685>).

evidentes nas homenagens ao professor Alfredo Bosi, recentemente falecido, que surgiram nos depoimentos ao longo do evento.

Entre as diversas conquistas decorrentes dos três dias de conversas, enriquecidas pelas memórias dos participantes, o evento teve a oportunidade de conectar essas diferentes gerações que se constituíram no interior do Programa. As conversas trouxeram à tona relatos sobre a vida discente e docente no PPGLB, anedotas e experiências vividas, de modo que o público que acompanhava pelo YouTube teve a oportunidade de rever e ouvir professores queridos e colegas em meio ao isolamento social. Relatos a respeito da constituição do Programa, suas disciplinas, áreas de pesquisa e publicações, bem como sobre a oferta de bolsas e relações entre orientadores e orientandos, também puderam ser ouvidos e produziram subsídios fundamentais para a reconstituição dessa memória que vem sendo, aos poucos, reunida e compartilhada.

Completo cinquenta anos, a história do PPGLB mostra que um legado significativo se constrói ano a ano, com investimentos e com trabalho de sucessivas gerações de professores, alunos e funcionários – em contraposição à lógica imediatista e produtivista que ataca a memória e a relevância das humanidades. Essa lógica, que, inclusive, tem penetrado cada dia mais o trabalho intelectual na Universidade pública, deve ser combatida, a fim de que esse e outros programas resistam, que a história não se perca e que mais legados sejam reconhecidos nas diversas esferas da vida social.

A palavra “legado” torna-se chave para compreender os 50 anos de história do PPGLB. Essas cinco décadas acompanharam intensas transformações na trajetória política e social do Brasil, cujos reflexos se apresentam nos “projetos de Literatura Brasileira” que passavam da utopia ao desencanto, da introspecção à extroversão, do localismo ao cosmopolitismo, cumprindo a rota pendular que Antonio Candido identificava como o movimento dialético em que se configurava “a lei de evolução da nossa vida espiritual”.¹¹ Os projetos de pesquisa, nas variadas vertentes teóricas e temáticas que coabitaram e coabitam o Programa, demonstram o interesse e o incentivo pela pesquisa da cultura brasileira ao longo dos anos, a disposição investigativa e a leitura atenta e autoral das diversas obras estudadas.

Celebrar a história do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da USP, portanto, significa valorizar as relações afetivo-geracionais, comemorar a difusão dos estudos da literatura e cultura brasileiras em âmbito nacional e internacional, ressaltar a importância da educação pública e do investimento na pesquisa e aprender com os legados passados a fim de trilhar o presente e construir o futuro. Afinal, muitos são os que fizeram e fazem parte dessa história, assim como numerosos serão também os que construirão os próximos cinquenta anos. Vida longa ao PPGLB/USP!

¹¹ CANDIDO, Antonio. “Literatura e cultura de 1900 a 1945”. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 13 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014, p. 117.



*Antonio Candido, Alfredo Bosi, José Aderaldo Castello, José Miguel Wisnik, Décio de Almeida Prado [de pé].
Zenir Campos Reis, Flávio Aguiar, Roberto de Oliveira Brandão, Amauri Mário Tonucci Sanches, Antonio Dimas, Alcides Villaça [sentados].
Foto tirada ao final do concurso de efetivação para literatura brasileira, em dezembro de 1976, pela professora Lígia Chiappini Moraes Leite, com uma câmera Voigtgländer alemã, dos anos 1950 (Reprodução e legenda literaturabrasileira.fflch.usp.br).*

alfredo bosi entre nós

Por Alcides Villaga

Aos alunos de Literatura Brasileira, neste ano difícil de 2022, quero trazer lembranças que começam neste aluno de Letras, de Literatura Brasileira, entre 1968 e 1971, anos especialmente autoritários de nossa história. Mas também nos momentos agudos podem ocorrer impactos extremamente positivos, marcantes para o resto da vida.

Conhecer o professor Alfredo Bosi naquela época foi um desses impactos – e um impacto duradouro, que permaneceu próximo e inspirador por mais de 50 anos. Dou aqui um testemunho possível desse convívio, privilegiado para mim, que com ele mantive como seu aluno de graduação, seu orientando no mestrado e doutorado, seu colega da área de Literatura Brasileira e, sobretudo, como amigo/aprendiz de tantas lições fundamentais. Lições para o correr da vida, para as atribuições críticas da cultura e para o movimento íntimo dos afetos pessoais que querem subir à área mais larga de uma respiração social.

O primeiro impacto foi tê-lo conhecido numa aula de literatura italiana, em 1969, quando lá fui xeretear por sugestão de uma colega arrebatada por jovem e admirável professor. Já na sala, me apresentei como aluno curioso e interessado, mas ele me explicou sucintamente a natureza daquele curso destinado, de fato, aos alunos do básico de Italiano, a ser dado nessa língua, e com muita cortesia... me despachou. Saí confuso por sentir que a rejeição formal tinha uma razão perfeitamente objetiva e se manifestava, aliás, com atitude e palavras respeitadas, que faziam suspeitar uma grande reserva de afetos. Foi um pequeno impacto, digamos, mas desses que já parecem guardar alguma predestinação.

O segundo impacto se deu em 1970. Aquele professor de literatura italiana publica uma *História Concisa da Literatura Brasileira*, que imediatamente ganha a atenção de todos, pela reflexiva costura histórica, pela emancipação ensaística da rigidez puramente historiográfica, por um singular estilo de retórica sensível. Mas o terceiro impacto foi decisivo para aquela turma de Literatura Brasileira de 1971, que acabava de ganhar um professor extraordinário, que migrara da área de Italiano. Não é fácil caracterizar as qualidades daquele impacto, que se manifestava num surpreendente amálgama de qualidades.

Antes de mais nada, impunha-se a pessoa mesma do professor, suas falas, seu tom de voz, suas atitudes comedidas, tudo regido por um *rigoroso vetor espiritual*, corporificado como uma ética que, naqueles tempos autoritários, era também um compromisso político com a liberdade da ordem civil, com a reflexão crítica sobre a cultura e com os valores de um humanismo a ser defendido com a máxima energia. Logo essas qualidades se enfeixariam, por exemplo, em conceitos como o de *resistência*, que Bosi por um bom tempo tomou como critério cultural e político para todas as práticas cotidianas, artísticas, pedagógicas. Confira-se a extensão e a intensidade desse critério no ensaio “Poesia resistência”, de *O ser e o tempo da poesia*. Já no desenvolvimento das suas primeiras aulas para nossa turma, revelava-se logo uma *precisa e vertical objetividade no foco analítico* dos textos tratados, urdida na plena atenção à particularidade do objeto em questão.

Reconhecer e realçar essa particularidade no momento da interpretação não era apenas uma opção de método, era gerada pela atenção máxima que se deve dar ao que se interpreta, para que haja, no reconhecimento íntimo do objeto e de sua circunstância, a manifestação da intimidade de um sujeito também particularmente identificado. A essas operações não faltava a mais *ampla contextualização* do plano em que se promovia a interpretação de uma obra, de um autor, problematizando-se a interpretação a partir de uma bem exposta e assumida perspectiva crítica, em cujo movimento maior o analista e a obra buscavam se espelhar a partir do que houvesse de fundamental em cada um.

Em suma: na pessoa de Alfredo Bosi somavam-se uma profunda sensibilidade de humanista, o compromisso com uma erudição ativada pela dialética e o exemplo de uma inteireza ética das mais raras. Quando a atitude espiritual é muito forte, integra-se ao corpo e se objetiva diante dos nossos olhos: uma impressão física e possível da alma, digamos, que dá substância a nomes como humanismo, amor, responsabilidade, entrega, empatia.

Entre tantas lições recebidas, sempre me recordarei de uma frase, ainda no início de nosso convívio, que ele, numa conversa pessoal, acabou me dizendo com um certo peso de súplica solene: “Alcides, o que importa em nossa vida é objetivar a subjetividade.”. A frase me ficou, em seu tom de grave aconselhamento sapiencial, súplica filosófica, legado afetivo. Nessa frase, a operação de objetivar a subjetividade tem como fundamento o trabalho afirmativo da consciência, transposto para a ação. Não uma consciência pura, mas constituída num campo vivo de escolhas e de possibilidades, tanto para se fazer reconhecer no objeto de seu interesse como para se deixar marcar pela ação que retorna do objeto para ela. A disciplina da consciência move-se como inquietação, e a inquietação reclama por disciplina: é um jogo dramático e essencial para o espírito que conjuga liberdade e responsabilidade com devoção. Com a devoção da mais consequente religiosidade, diga-se.

Outra lição, noutra frase: diante da idolatria algo ingênua que marcava minha admiração por ele, não hesitou em me dizer, certa vez: “Espero que você possa relevar meus defeitos, quando um dia os descobrir...”. Estava me chamando a atenção para as marcas inevitáveis de nossa personalidade, que são os seus limites. A consideração dos limites era, de fato, uma marca ao mesmo tempo dramática e superior nas relações que Bosi mantinha com as pessoas, com as obras, com as questões tratadas. Poucas coisas o irritavam mais do que o culto do fetichismo, o triunfalismo, ou a simulação de interesse; contra isso, apegava-se ao que sempre há de verdadeiramente problemático numa operação de conhecimento ou no trato social.

Com a operação humanizadora do senso de limite, que aprendi com ele, acabei adotando esse mesmo critério para buscar compreender a natureza mesma da matéria a ser interpretada. Ressalte-se, nessa operação, mais uma vez, a importância da forma objetividade como realização da subjetividade. Um exemplo: diante da estátua grandiosa da *Pietà*, de Michelangelo, Drummond escreveu estes três versos:

“Dor é incomunicável.
O mármore comunica-se,
acusa-nos a todos.”

Sinto nesses versos a conquista gloriosa do espírito que se faz forma, da forma que se impõe como limite. Objetivar a subjetividade é a operação artística reconhecida poeta Drummond, em secreta consonância com o ideal do crítico Alfredo Bosi. A dor de Maria, em si mesma, é incomunicável, como todas as paixões deixadas à sua íntima natureza. Mas a necessidade de lhe dar forma conta com o mármore, com o limite trabalhado de pedra, que assim assume seu estatuto de representação possível e imprime na frieza sólida do mármore a dor pungente que está recolhida na fisionomia altivamente serena da Virgem. O mármore comunica, pela forma obtida no trabalho expressivo, o que pura interioridade não teria como manifestar. Em quantas lições de seus ensaios, e de suas pesquisas Alfredo Bosi não terá marcado esse caminho do espírito para a significação? E sua forma de escrever, seu estilo tantas vezes dramático, não expõe em suas nervuras esse caminho necessariamente desafiador da subjetividade em seu intento de se objetivar?

Tomados numa perspectiva mais geral, os títulos mesmos de algumas de suas obras vão insinuando esse centro nervoso da perspectiva e do tom que o crítico adotou. Em *O ser e o tempo da poesia*, cruzam-se a ontologia do fenômeno poético e sua historicidade concreta; em *Dialética da Colonização*, os temas desse amplo período são abordados a partir das contradições expostas nos limites repuxados pela formalização ideológica, de um lado, e pela busca da compreensão histórica, de outro; em *Ideologia e Contraideologia*, esses conceitos atritam nas operações da arte, da cultura e da política, não por acaso tão bem expostos no ensaio dedicado a Machado de Assis, autor que já alcançara o foco penetrante de sua atenção em *O enigma do olhar*. A presença de Machado, diga-se, é um vetor importante para quem quiser caracterizar mais de perto os movimentos da consciência crítica de Bosi, que viu em tantas passagens do ‘bruxo’ os enigmas que persistem por trás de aparências reveladas e de violências de raiz camuflada. Voltado para o criador de Brás Cubas, o professor e crítico parece perguntar: “Quem, exatamente, exerce esse olhar tão lúcido, tão útil para nossos discernimentos quanto simulador de uma visada impiedosa?”. Quanto aos ensaios recolhidos em *Céu, Inferno*, todos valiosos, o que dá o título ao volume contrapõe o inferno de Graciliano Ramos ao céu de Guimarães Rosa, na oposição do fechamento duro, áspero e lúcido do universo de Graciliano à abertura poética e reinvenção exuberante da linguagem de Rosa. Acredito que o movimento do olhar de Bosi, nesse texto, é a costura reveladora que o crítico se propôs a fazer entre duas potências tão díspares que podem se abrigar, nele como em nós, não para uma escolha, mas para uma composição desejada das mais íntimas divisões humanas. Ainda nesse livro, o ensaio final “A interpretação da obra literária” pode ser uma referência decisiva para quem deseja sondar a natureza e as possibilidades de um caminho hermenêutico, pode ser uma ferramenta utilíssima para será quem se inicia ou se aprofunda na tarefa da leitura mais consequente e compreensiva de um texto literário.

Professor, pesquisador e orientador, Bosi levou com determinação várias lutas em favor da educação pública ampla e de alta qualidade, em todos os níveis. Sabe-se, por exemplo, de seminários para moradores da periferia de São Paulo, onde teve oportunidade, segundo relato seu, de acompanhar comovido a identificação de jovens leitores, muitos deles migrantes, com as personagens de

Vidas secas. Em revistas e jornais, analisou questões fulcrais da educação pública, propôs caminhos, valorizou o quanto pode a resistência da cultura diante das opressões de toda espécie. Não admitia subestimação do valor do estudo; desconfiava das manifestações supostamente políticas que acabavam por constituir, na verdade, o desmantelamento das condições mínimas da pesquisa e da crítica mais consequentes, do significado mesmo do que seja um valor público.

Chega-me, enfim, a sensação de que quanto mais busco recordar presenças do professor, orientador e amigo, mais me dou conta de quão inestimável foi, entre nós, a força de sua pessoa, sua vitalidade contagiante, por vezes de um humor de acidez irresistível (pela qual, vejam só, acabava se desculpando...). Vitalidade manifesta na permanência de seus textos, que continuam a escavar esse terreno difícil onde a intimidade e a coletividade se cruzam como verdades em desafio.

Num dos muitos prefácios que concedeu a tantos escritores, começava por esta confissão: “É difícil dizer as coisas. É difícil dizer as pessoas”. Nessa frase tão sucinta e honesta, cabe reconhecer, em ação, o seu respeito pelo limite mesmo da nossa compreensão das coisas e das pessoas. A dificuldade do impulso compreensivo não desanima, antes estimula quem quer efetivamente conhecer aquilo se revela admitido em sua condição problemática. Sua atenção máxima à etimologia era um sinal explícito de uma busca sua, que procurava nas origens básicas da denominação o entendimento dos sucessivos de significação ao longo da história.

Para arrematar com uma frase de Otto Maria Carpeaux, escritor que Bosi tanto admirou e absorveu: “Confesso que os meros fatos pouco me interessam; o que me interessa são os problemas.”. Empenhar-se no reconhecimento dos problemas humanos, constituídos cada um em sua singularidade e pela força das suas relações com os demais, foi o que fez no modo intelectual e na densidade dos afetos esse professor, a quem tive o privilégio de acompanhar em sua missão fundamental: propagar nosso empenho amoroso na investigação e na construção objetiva da vida.



Alcides Villaça e Alfredo Bosi no lançamento do livro Ondas Curtas em 2014 (Arquivo pessoal do professor Alcides).

os descaminhos da liberdade e a palavra empenhada: depoimento sobre a pós- graduação no momento do cinquentenário da mesma em literatura brasileira da fflch-usp

Por Flávio Wolf de Aguiar

Les mots n'étaient pas dépourvus
d'un certain charme sombre.

Jean-Paul Sartre, Les Chemins de la Liberté.

Uma das razões que me levaram a deixar Porto Alegre e a UFRGS de mudança para São Paulo e a USP foi o desejo de fazer pós-graduação. Era o fim de 1968, começo de 1969; para o melhor de meu conhecimento de então, apenas a USP e a UFRJ passavam a oferecer pós-graduação em Letras, naquela liderada por Antonio Candido em Teoria Literária e nesta por Afrânio Coutinho, em área semelhante, mas ainda em formação. Para falar a verdade, hoje nem sei se era isto mesmo, mas era o que eu acreditava naquele momento.

Eu terminara o terceiro ano do curso de Letras na hoje finada Faculdade de Filosofia da UFRGS. Estava decidido a ser professor universitário; por isto, depois de terminar a graduação, queria fazer a pós. Houve outras razões muito prementes para que eu precipitasse minha decisão, naquele final de 68. Muita coisa mudava de lugar no Brasil; perdi meu posto de professor de Comunicação no Colégio Israelita Brasileiro, em Porto Alegre, onde eu dava aulas, numa razia contra esquerdistas no Curso Colegial daquela escola. Éramos quatro defenestrados; num gesto corajoso, outros 17 professores do curso se demitiram em solidariedade a nós. Além disto, minha então namorada, Iole de Freitas Druck, terminara a graduação em Matemática na UFRGS, e ia para o Rio de Janeiro fazer pós no Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA). Hoje o Rio de Janeiro fica a duas horas de voo de Porto Alegre; naquele tempo, para os recursos de um jovem estudante-professor como eu, que completara 21 anos, o Rio de Janeiro ficava a pelo menos 36/40 horas de ônibus, se tudo corresse bem; a BR 101 não existia; a viagem corria pela antiga BR-2, hoje BR-116, pelas serras e planaltos do sul do país; a “nova” via Dutra, no trecho entre São Paulo e Rio, com suas duas pistas separadas, fora recém-inaugurada, em 1967.

Não hesitei; arrumei a mala, reuni as economias (algo em torno de 1.200 cruzeiros novos, moeda da época), meus pais me deram mais alguma ajuda, e peguei o ônibus para São Paulo. Pedi transferência para o curso de Letras (Português), o que consegui; também consegui um emprego no antigo Ginásio Estadual Pluricurricular Experimental, unidade 2, conhecido como GEPE-2. Tudo isto entre

janeiro e março de 1969. Minha decisão por São Paulo se deu porque, ainda que de longe, eu tinha preferência pela linha de trabalho do professor Antonio Candido. E afinal, o tempo de viagem entre São Paulo e Rio era de “apenas” seis horas, graças à nova Via Dutra.

Na UFRGS meu mentor era o professor Dionísio Toledo, assistente do professor Ângelo Ricci, na cadeira de Teoria Literária, como então se dizia. Não se usava a palavra “disciplina” em relação a cursos universitários. O professor Dionísio pretendia me convidar para ingressar na Teoria assim que eu terminasse a graduação; por isto, não desejava que eu me transferisse para São Paulo. Acabou aceitando a transferência; ficou assumido de minha parte o compromisso de que eu voltaria para Porto Alegre, quando terminasse a pós-graduação.

Acontece que no segundo semestre de 1969 houve uma nova onda de cassações, sob a forma de aposentadorias compulsórias, na UFRGS. O alvo foi a Faculdade de Filosofia. Nela, toda a cadeira de Teoria Literária foi expurgada, abrangendo o professor Ângelo Ricci, catedrático e diretor da Faculdade, o professor Dionísio Toledo e as também assistentes Maria da Glória Bordini e Reasylyvia Kroeff de Souza. Eu me vi na circunstância, digamos, de um índio que fora “visitar” a cidade grande e na sua ausência toda a sua tribo e aldeia foram dizimadas. Não havia mais para onde voltar. Dionísio e Reasylyvia se radicaram em Paris; Maria da Glória, naquele momento, foi trabalhar na Editora Globo; Ângelo Ricci encontrou refúgio na Editora Abril, em São Paulo.

Passei a frequentar as aulas de Letras, abrigadas nos antigos barracões da Veterinária, hoje sede do Instituto de Psicologia, na Cidade Universitária, para onde a Faculdade se mudou depois dos acontecimentos dramáticos de 1968, quando sua sede na rua Maria Antônia foi assaltada e saqueada pelos membros do Comando de Caça aos Comunistas, sediados no Mackenzie, com ajuda da polícia.

Terminei a graduação no final de 1970 e comecei a tão almejada pós-graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada. Em 1972 houve uma série de contratações nas Letras da FFLCH porque o número de estudantes admitidos anualmente aumentara desmesuradamente. Nesta ocasião o professor Décio de Almeida Prado e o professor José Aderaldo Castello me convidaram para entrar na Literatura Brasileira, como auxiliar de ensino, conforme a nova nomenclatura adotada depois da Reforma Universitária de 1970. Foram convidados igualmente o José Miguel Wisnik e os hoje saudosos Zenir Campos Reis e João Luiz Machado Lafetá. Em seguida foi convidado o Alcides Villaça. Eu, José Miguel, Zenir e o Alcides aceitamos o convite. O João Luiz declinou, pois estava decidido a tornar-se professor de Teoria Literária. Na sequência entraram também na cadeira – já chamada de disciplina – Valentim Facioli, Amaury Sanchez, Roberto Brandão, Nádia Battella Gotlib e o já nosso mestre Alfredo Bosi, que vinha de Italiano. Ombreamos com José Carlos Garbuglio, Hélio Lopes, Antonio Dimas e Neusa Pinsard Caccese, que já eram professores de LB. Alguns anos depois juntou-se ao grupo João Roberto Faria, na vaga deixada pela aposentadoria do professor Décio. E também João Adolfo Hansen.

Neste momento houve um acontecimento essencial para o futuro da Literatura Brasileira, das Letras e da Faculdade. Era costume nesta época que os professores contratados comesçassem a dar aulas sem remuneração e esperassem meses, até anos, pela efetiva assinatura dos contratos. Nós, os novos contratados, firmamos um compromisso: daríamos aulas sem receber enquanto nossos contratos

estivessem “caminhando”, ou seja, percorrendo os labirínticos meandros da burocracia universitária. Se os contratos parassem de “andar” – por “falta de verbas”, como rezava a costumeira alegação – nós pararíamos de trabalhar. Não deu outra. Lá pelas tantas, no segundo semestre de 1972, os contratos pararam de “andar”, “por falta de verbas”. Nós, então, os novos, cruzamos os braços e paramos também. Fomos taxados de “loucos”; dizia-se: “vão contratar outros no lugar de vocês”. Para surpresa geral, os colegas de Literatura Brasileira, valentemente solidários, com o professor Castello na liderança, apoiaram nossa decisão, seguraram o trabalho dobrado que tiveram de enfrentar, e não chamaram ninguém mais. Em 1973 os contratos recomeçaram sua penosa marcha e foram devidamente assinados no final do ano, retroativos ao mês de março. Vitória! Desde então a prática de trabalhar sem receber caiu no ostracismo na Faculdade e na USP como um todo.

Avancei pelo mestrado e doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada, concluindo o último ao final de 1979, ambos sob a generosa e firme orientação da professora Walnice Nogueira Galvão. Por este tempo eu dividia com o professor Décio, como gabinete de trabalho, um dos quartos (304 do Bloco C) da Residência Universitária, o CRUSP. Nós, de Letras, éramos o “exército de ocupação”, para impedir que os estudantes retornassem ao CRUSP, como rezava a orientação do *index prohibitorum* da Ditadura Militar, seguido à risca pelos sucessivos reitores da universidade. Certo dia, o professor Décio chegou para mim e disse: “Flávio, agora somos colegas. Você pode parar de me chamar de ‘senhor’ e me tratar por ‘você’, certo?”, “Certo”, eu disse, “se o senhor quer...”. Aquilo durou três meses. Passado este tempo, eu cheguei para o professor e disse: “professor, você pode me permitir que eu volte a chamá-lo de ‘senhor’? Chamá-lo de ‘você’ não me deixa à vontade”. Ele concordou; rimos muito e ficamos amigos para sempre.

Depois do doutorado, em 1980, fui para o Canadá com uma bolsa de pós-doutorado da FAPESP. Quando retornei, no começo de 1982, comecei a orientar na pós de Literatura Brasileira. Meu plano inicial era de orientar dissertações e teses em dramaturgia e teatro, que eram então minhas especialidades. Mas já de começo o leque se abriu. No primeiro ano admiti duas estudantes de mestrado: Cristina de Souza, que, de fato, pesquisou sobre mulheres dramaturgas no Brasil, e Márcia Ignez Massaini, que foi estudar a loucura em Machado de Assis. A Cristina, infelizmente, teve a vida prematuramente ceifada pela COVID.

Daí para frente o ecletismo marcou minha atuação como orientador na pós, devido, sobretudo, à crescente diversificação das solicitações por parte dos estudantes que a – e me – procuravam. Ainda assim, houve o balizamento de algumas preferências. Continuei a trabalhar com temas ligados à dramaturgia; investi em romances e contos; abri considerações para ver o Brasil como parte inalienável da América Latina. Literatura e política formaram uma conjunção que marcou os trabalhos que orientei. As solicitações cresceram e se ampliaram através da presença em defesas e seminários pelo Brasil afora e também, algumas vezes, no exterior.

Mais de 30 pós-graduandos passaram pela minha orientação, muitos fazendo mestrado e doutorado. Tornei-me orientador também na área de Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa, com abertura para a África.

Penso que o que definiu a unidade de minha presença na pós de Literatura Brasileira e seus arredores foi a constante busca de uma coerência metodológica baseada na conjunção entre a autonomia empenhada da obra literária (e artística de um modo geral) e a moldura social, cultural, política, econômica e também psicológica que a acompanha. Autonomia empenhada? A expressão pode parecer paradoxal, mas não é. Segue na esteira da lição profunda que aprendi com um de meus tantos mestres excepcionais: Northrop Frye, no Canadá.

Terminou uma de suas aulas pedindo que nós, jovens estudantes e professores vindos dos quatro pontos cardeais do planeta, considerássemos a seguinte questão: o que pensaria o público elisabetano sobre se Romeu e Julieta teriam ido para o céu ou o inferno após a morte? E que trouxéssemos nossas respostas na próxima aula.

O veredito foi unânime: Romeu e Julieta teriam ido para o inferno, pois eram suicidas; este seria o pensamento típico do público elisabetano naquele final do século XVI, quando a peça estreou no palco. Mas, contestou o professor, vocês não notaram que o Frei Lourenço praticamente os abençoa no final? A contragosto, tivemos que reconhecer a bênção e a nossa desatenção. E isto, prosseguiu o professor, em nada chocaria o público elisabetano de então, porque ele sabia que aquilo era teatro, e que no teatro podem acontecer coisas que não acontecem na vida real. E prosseguiu nos dando uma aula brilhante sobre como o mergulho nas convenções literárias implica quase sempre no libertar-se dos preconceitos e prejuízos do tempo. Frye via, assim, a literatura e a arte de um modo geral como o lado civilizado da civilização, que padece de tanta barbárie em suas entranhas.

Esta visão da literatura e seu estudo como algo libertário em relação aos preconceitos do tempo marcou, penso, a atuação coletiva de nosso grupo de Literatura Brasileira na pós e também na graduação, com as entonações individuais que cada um lhe imprimia. Foi assim que nos privamos, por exemplo, da adoção manietada de jargões e cacoetes de escolas críticas. Não que as desconhecêssemos; mas não víamos nelas um catecismo dogmático pelo qual rezar. Também não nos dobramos à crescente tendência de acelerar mestrados e doutorados para obter boas notas – e boas verbas – por parte das agências de fomento. Amargamos até algum ostracismo por causa disto, alimentado por um certo ressentimento contra a Universidade de São Paulo, que assolava alguns colegas de outras instituições.

Finalizo esta breve nota observando que em minha atuação, por força das circunstâncias de minha origem, terminei contribuindo, como orientador e professor de cursos e seminários, além da participação em bancas e concursos, para a formação de uma geração de professores das Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Portanto, ainda que de forma enviesada, cumpri a palavra empenhada com o professor Dionísio de Oliveira Toledo a quem aliás, tive a honra de homenagear por ocasião de sua conferência no Instituto de Estudos Avançados da USP, quando retornou pela primeira vez ao Brasil depois de muitos anos de exílio na França.



*Professor Flávio Wolf de Aguiar no trem da ferrovia
Curitiba-Paranaguá em março de 2008 (Foto: Zinza Ziebell.
Arquivo pessoal do professor Flávio).*

da usp aristocrática à república

Por Luiz Dagobert de Aguirra Roncari

Antes de tudo, quero cumprimentar os integrantes da Comissão Organizadora do evento sobre os 50 anos do nosso programa de pós-graduação, professores e orientandos: Amanda, Cláudia, Fernando, Marcos Moraes e outros. Assistindo às mesas nestes dias, dizia para mim mesmo: Nem parece o Brasil! Foram manifestações de grande civilidade e moralidade profissional. Coisa rara nestes tempos de trulências.

Participar deste evento, para mim, é uma honra muito grande e significativa, diante da barbárie que nos assola, que não é nova no Brasil. Ela começou ainda com a escravidão, tolerada pelas classes dominantes por quase quatrocentos anos, e vem assim, de golpe em golpe, até 2013, quando a nova direita das milícias políticas e militares, às claras e nos quartéis, ocuparam os centros do poder e deles não saíram mais.

Entreí na USP no vestibular de 1967, para fazer o curso de História. Desde cedo o meu interesse por ela, junto com o pela Política e pela Literatura, se cruzaram e se trançaram na minha vida, sem que eu nunca conseguisse separar uma da outra. O estudo da História vinha de minha curiosidade de conhecer melhor o mundo em que vivia; o interesse pela Política se dava por considerá-la como o principal meio de tentar mudá-lo; e pela Literatura, por encontrar nela as melhores mediações para contemplar os abismos dos nossos mistérios, internos e externos. Esses foram os impulsos, como três serpentes, que sempre me guiaram, sem que eu conseguisse separar um do outro e, assim entrançados, nunca me abandonaram. Sou desse modo uma vítima não do destino, mas da minha curiosidade atroz e dessas serpentes.

Foi enredado nelas que me formei em História Social, aqui na USP, onde também fiz o mestrado e apresentei uma dissertação sobre a obra de Machado de Assis – o meu interesse primeiro era o de lê-la inteira e foi o que fiz, maravilhado e encantado. A esse trabalho dei o título de “MACHADO MANIFESTO: o nacional e os projetos culturais brasileiros do século XIX: José Veríssimo, Silvio Romero, Araripe Jr”. Eu, que não desejava misturar o gosto pela literatura com a necessidade prática, como a de ter uma profissão, no caso, ser professor de alguma matéria, como ensinar História, comecei já a aproximar uma coisa da outra. Nessa pesquisa, procurei averiguar as proximidades e distâncias da obra de Machado com os pensamentos críticos desses três grandes autores do nosso *novecentos*. O que na verdade queria mesmo era ler tudo de Machado e tentar entender o que ele pensava e nos deixava perceber da vida social e da perversidade brasileiras, da nossa vida do espírito e as raízes da nossa hipocrisia, que permitia combinar os requintes da educação refinada com os traços costumeiros e brutais da escravidão, que sobreviveram com a Abolição formal de 1888. Com a entrada na USP, fui morar no CRUSP, onde permaneci até o seu fechamento pelos militares, em 69. Lá, formou-se uma comunidade de mais de mil estudantes de todas as áreas, técnicas e humanísticas, que achava que iria construir uma nova sociedade, mais livre e solidária.

Em 1981, entrei no programa de pós-graduação da Literatura Brasileira, como orientando do professor Antônio Dimas de Moraes. Graças à sua generosidade e grande compreensão pude fazer a minha tese de doutoramento. A princípio era uma pesquisa sobre a crônica literária de Machado, mas transformei-a num trabalho híbrido: terminar de escrever meu romance, que já estava pela metade, *Rum para Rondônia*, e junto desenvolver uma reflexão sobre a natureza desse gênero narrativo. Felizmente ele foi publicado e premiado pela Secretaria de Estado da Cultura, como o melhor romance de 1991. Já havia publicado dois outros livros de ficção: um de contos, *Os olhos de Sebastião Valadares* (São Paulo, Espaço Editora, 1980) e o romance caleidoscópico miscelâneo: poesia, contos, cartas, recortes e o que mais coubesse nesse *zibaldone*, *Assim não brinco mais* (3^a. ed, Rio de Janeiro, Editora Codecri, 1983). Ele fala dos desconcertos vividos, a partir dos anos 60, pelas mudanças sofridas nos termos da vida amorosa e política durante a ditadura militar. Depois disso, fiquei numa encruzilhada entre a ficção e a vida acadêmica. Felizmente, escolhi esta última, pela autonomia de trabalho que me proporcionava, além do apoio à pesquisa que havia na época, o ambiente intelectual que me compensava da solidão do escritor, e a estabilidade da vida acadêmica.

Em 1988, depois de passar num segundo concurso para professor na Área de Literatura Brasileira, fui contratado como docente da Área, o primeiro foi como substituto da professora Nádia Battela Gotlib, que estava afastada e retornou. Era então, um momento em que os concursos começavam a substituir as seleções dos professores feitas pelos chefes ou grupos restritos de cada Área ou Departamento. Por serem mais objetivos e regulares, além de mais isentos, acabaram se impondo e, hoje, são praticamente obrigatórios. Para a minha contratação como docente (em regime de RDIDP), a pedido da CERT, tive que apresentar um projeto de pesquisa, o que fiz, sobre a obra de Guimarães Rosa, onde previa, ao seu término, quatro livros sobre ela. Quatro! Escrevi todos: *O Brasil de Rosa: o amor e o poder* (São Paulo, Editora UNESP, 2004, 1^a. edição); *O Cão do Sertão: literatura e engajamento* (São Paulo, Editora UNESP, 2007), *Buriti do Brasil e da Grécia* (São Paulo, Editora 34, 2013) e *Lutas e Auroras: os avessos do Grande Sertão Veredas*, que publiquei 30 anos depois (São Paulo, Editora UNESP, 2018). É o meu livro de síntese do que tinha de melhor para dizer sobre Guimarães, está lá o sumo do que aprendi com e sobre ele.

Antes, a convite do FDE, escrevi um volume sobre a literatura Colonial brasileira e Romântica: *Literatura Brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos* (São Paulo, EDUSP, 1995, 1^a. ed., 2002 2^a. ed. revisada e ampliada). Foi uma grande oportunidade que tive para tapar alguns buracos de formação, principalmente de aprofundar minhas leituras das obras do padre Antônio Vieira, de Gregório de Matos, Claudio Manuel da Costa, Gonçalves Dias e outros.

Em 1998/99, a partir de um movimento de insatisfação de alunos e professores com a ausência de projetos coletivos na Área de Literatura Brasileira, fui eleito como Coordenador da Pós-Graduação, com o objetivo justamente de implementá-los. Aproveitamos então uma comissão que já havia, formada também por professores e orientandos, que, entre outras iniciativas, projetou um curso coletivo de pós-graduação, que chamamos de “O Autor e sua Crítica”. Dois professores coordenavam o curso e cada aula seria dada por um professor diferente sobre o autor que escolhesse. Esses cursos foram muito bem recebidos pelos alunos e se repetiram por vários anos. O projeto, porém, mais importante e duradouro foi

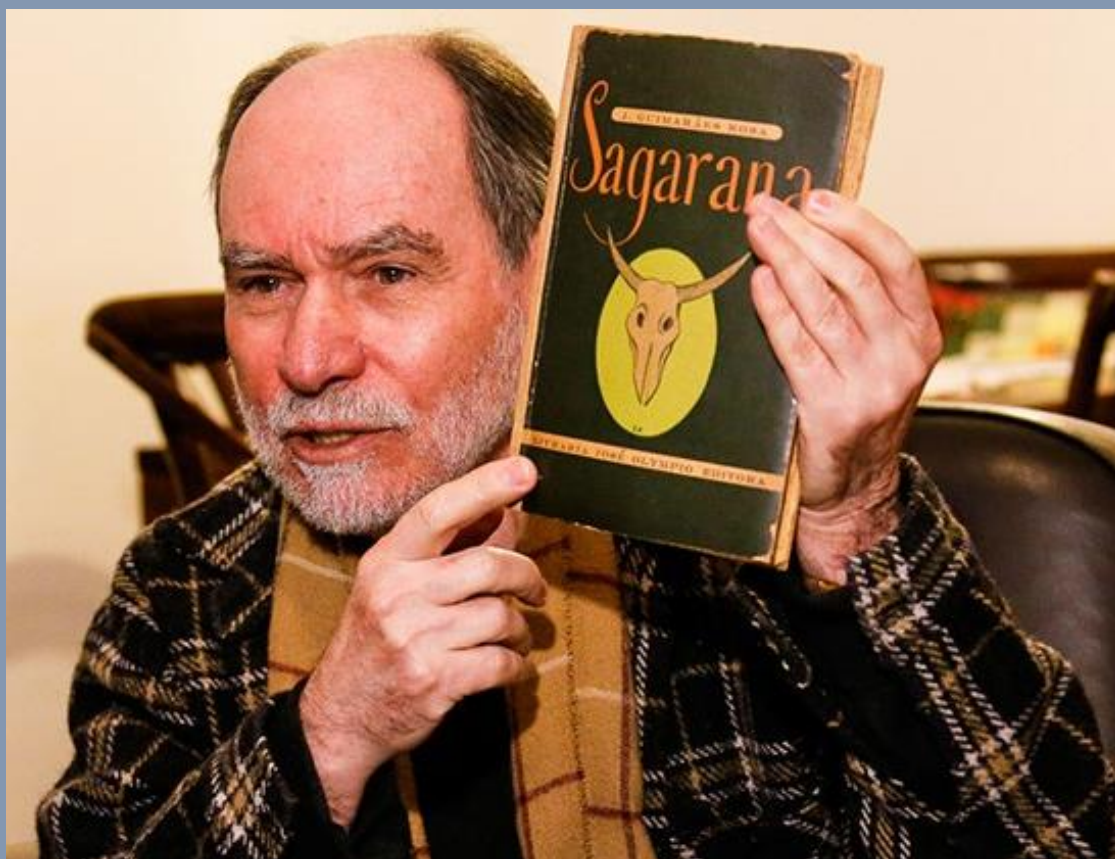
o de publicação de uma revista de literatura brasileira. Foi também produto de uma comissão formada por professores e alunos. Na época, recebíamos uma boa verba da CAPES, que antes era usada principalmente para custear viagens e participações em eventos. Passamos então a reservar parte dela para a publicação da revista, em colaboração com a Editora 34. Depois de um processo longo de discussão, ela passou a se chamar Revista de Literatura Brasileira *TERESA*, e o número 1 saiu no primeiro semestre do ano 2000. A sugestão que dei para esse nome foi porque Teresa estava presente na poesia e na prosa brasileira desde Gregório de Matos, e vinha até os modernos. Sem dizer de sua presença também no folclore, na religiosidade e na música popular. A revista era aberta à colaboração dos professores e orientandos, além de colaborações externas, com textos críticos e criativos, como poemas, crônicas e contos. Temos que ressaltar o trabalho importante dos orientandos que se dedicaram à sua produção e distribuição, como Fernando Mesquita, Aleixo de Silva Guedes, Eliane Jacqueline Mattalia, Isabella Marcatti, João Bandeira, Heitor Ferraz, Leila V. B. Gouveia, Maria Claudete de S. Oliveira, Ovídio Poli Jr., Salete Therezinha de A. Silva. e de outros que a tornaram possível. Através deles é que pudemos cuidar da sua distribuição e firmar convênios de intercâmbio com revistas de outras universidades brasileiras e internacionais, como as americanas, latino-americanas e europeias (portuguesas, francesas, italianas, alemãs, inglesas, espanholas). Desse modo, as coleções dos números da *TERESA* estão em todas as bibliotecas dessas universidades, o que não permitirá que ela seja apagada nem esquecida. Ela durou muitos anos e a última notícia que tenho é a de que saiu este ano o número da sua maioridade, 21 anos, coordenado pelos professores André Luis Rodrigues, Augusto Massi, Erwin Torralbo Gimenez, Guilherme Mazzafera S. Vilhena. Podemos dizer que ela deu a cara ao nosso programa e é, creio eu, o principal documento coletivo da nossa identidade intelectual.

Um evento de nossa Área que ainda quero lembrar, foi o de 2014, quando realizamos o GRANDE SEMINÁRIO SOBRE O GOLPE DE 1964 E A LITERATURA BRASILEIRA, aberto a todos. Foi um balanço ecumênico dos 50 anos dessa violência, que uniu materialistas e idealistas de diferentes correntes, que discutiram sobre as repercussões do golpe, trágico para a vida cultural e espiritual do país. Ele foi apreciado como interferiu nos vários gêneros literários e em outras artes, como no cinema, no teatro, na crônica, na arquitetura, nas artes plásticas. A literatura nos permitiu essa compensação, de podermos olhar para a brutalidade e produzirmos coisas belas. Foi a nossa satisfação.

Quando achava que já poderia deixar as atividades acadêmicas e roseanas, pensava dedicar-me mais aos trabalhos de uma seleta e tradução, hoje já prontas, para uma edição bilíngue dos diários de Giacomo Leopardi, *Il Zibaldone di pensieri*, de 4.500 páginas. Eles satisfaziam o meu gosto de fruição e reflexão sobre a língua italiana; porém, atendendo a convites e solicitações, tive que mudar os planos e estou quase no final de um quinto livro sobre Guimarães, que tem no seu núcleo um estudo sobre *Primeiras Estórias*, um pequeno grande livro. Ele é uma continuidade de meus trabalhos anteriores sobre Rosa, essa Covid que, quando encarna, não larga mais. Por isso, outra lição do professor, cuidado com ele, pois é um autor que não tolera um papel lateral. Esse estudo apresentarei num seminário internacional da UNB, em 2022, quando o livro fará 60 anos, foi publicado em 1962.

Foi nesse tempo também que começamos a rediscussão do nosso processo de seleção para a pós-graduação, de modo a não ficar inteiramente dependente da escolha ou dos caprichos de um professor; a realização de uma escala para os pedidos de afastamento dos professores, para uma distribuição mais equitativa; e, finalmente, mas o não menos importante, o almoço anual de final de ano que já nem sei se sobreviveu.

É essa a história de uma parte de minha vida intelectual e produtiva, a outra, a dos afetos, fica com tudo que devo a minha mulher, Denise, e minha filha, Naomi, que deram uma lição de sabedoria e definição ao professor que pode muito conhecer, mas pouco saber.



Professor Luiz Roncari em entrevista para o Jornal da USP em 2018 (Foto: Cecília Bastos. Reprodução USP Imagens).

salas de aula e de amizades: lembranças profissionais e afetivas

Por Nádia Battella Gotlib

Alunos do curso de pós-graduação da área de Literatura Brasileira me encaminharam uma solicitação para que relatasse aqui a minha experiência docente nesse curso que ora completa os seus 50 anos. E fizeram uma observação: o depoimento solicitado se justificava, entre outras questões, por ter sido eu uma das primeiras pessoas do sexo feminino a ministrar aulas e orientar pesquisas nesse Programa.

Acompanhei, sim, e de perto, a história do referido curso desde 1983, quando passei a receber alunos. Tenho a satisfação de constatar que fui privilegiada por ter tido a oportunidade de conviver com intelectuais competentes, enquanto aluna e em seguida enquanto professora do curso. Talvez seja esse o mais valioso legado que habita o território das minhas lembranças profissionais.

Mas, para acompanhar o fio dessa história e a importância que teve e continua tendo essa experiência de trabalho e de vida, convém fazer um breve retrospecto.

O elenco de professores notáveis, a que devo minha formação, tem longa data. Antecede, evidentemente, minhas atividades na Universidade de São Paulo. Começou com o primeiro contato com a professora Maria José Gavião Battella, minha mãe, que me alfabetizou, eu ainda com meus quase cinco anos, em sala de aula de escola municipal oficial de primeiro ano primário, que funcionava na garagem da nossa casa em São Paulo. E continuou com as professoras por ela escolhidas a dedo, nos diferentes grupos escolares e institutos de educação do secundário, em Ribeirão Preto. Tive também a felicidade de estudar no Centro de Ensino Médio, o chamado Elefante Branco, em Brasília, para onde nos mudamos em 1961, escola em tempo integral e com projeto inovador no que se refere a programas que privilegiavam os enfoques interdisciplinares e com excelente oferta de disciplinas complementares, sobretudo no campo das artes.

Na Universidade de Brasília pude experimentar a convivência com professores como, entre outros, Agostinho da Silva, Eudoro de Sousa, Nelson Rossi, Sílvia Elia, Cyro dos Anjos. E, depois de um ano como instrutora na Universidade de Brasília, fui para São Paulo e me inscrevi em 1969 no curso de pós-graduação da USP, na área de Literatura Portuguesa. Nesse espaço defendi meu mestrado, em 1971, e meu doutorado, em 1977. Nesse período em que preparava a minha dissertação de mestrado, defendida em dezembro de 1971, passei a dar aulas de Literatura Portuguesa, espaço acadêmico que habitei até 1977, quando ocorreu a minha mudança para novas plagas: Literatura Brasileira.

Estou certa de que nesse período dos anos 1970, enquanto estava oficialmente ligada à Literatura Portuguesa, a força motriz de ajuste de minhas condições intelectuais às novas situações que foram surgindo se deveu à presença

e à dedicação de grandes mestres: Antonio Soares Amora, Maria Aparecida Santilli, Antonio Candido, João Alexandre Barbosa.

Quase no início do período de aulas regulares, Antonio Soares Amora, que mais tarde faria parte da banca de minha dissertação de mestrado, trouxe-me o convite para eu ingressar na área da Literatura Portuguesa. E trouxe-me um outro convite: ir à sua casa, no Pacaembu, onde fui recebida por ele e por sua esposa, dona Helena Figueiredo, filha do famoso intelectual português Fidelino de Figueiredo. Conversamos. E nessa conversa o professor me deu uma aula sobre a poesia trovadoresca: analisou alguns poemas, mencionou bibliografia básica. Preparou-me, enfim, para a minha primeira aula, talvez um tanto inseguro quanto a minha futura atuação... Saí dali confiante de que poderia contar com essa matéria para o início de uma temporada, a que agregaria, naturalmente, outros apontamentos que já preparara – e comovida com a atenção que ele, respeitosa e carinhosamente, me dispensava.

Pude contar nesse período com a orientação de Maria Aparecida Santilli nas duas etapas de pesquisa: de mestrado e doutorado. A Cida (como a chamávamos) não somente me recebeu. Ela me acolheu desde o primeiro encontro, na sua própria casa, então perto da minha, nas cercanias da Universidade Mackenzie. Mostrei a ela um projeto de pesquisa e logo iniciamos esse trabalho, sob a forma de cursos e reuniões várias. Esse foi o início feliz de uma longa convivência, que incluiu viagens pelo Brasil, por Portugal e outros países para participarmos de congressos. A Cida abriu-me as portas para o neorrealismo português – não apenas nos cursos que ministrou, mas nas andanças por bibliotecas portuguesas e por encontros ‘ao vivo’ com escritores neorrealistas; visitamos, juntas, Manuel Ferreira e sua esposa, também escritora, a cabo-verdiana Orlanda Amarílis, Branquinho da Fonseca, Augusto Abelaira, Manoel da Fonseca, Urbano Tavares Rodrigues e tantos outros. Entre eles, claro, José Saramago, que num desses encontros nos recebeu no seu apartamento, ao lado da sua esposa Pilar, perto da igreja da Estrela, e nos levou a conhecer os melhores bolinhos de bacalhau de Lisboa.

Quando aluna da Universidade de Brasília conhecera o jovem de vinte e seis anos João Alexandre Barbosa, justamente no dia de sua chegada, vindo de Recife, quando fui escalada para levá-lo ao hotel, já que não havia condução oficial disponível. Esse foi o primeiro encontro de tantos outros, já que, depois da saída trágica de mais de duzentos professores da Universidade de Brasília, os quais pediram demissão em represália às barbaridades genocidas cometidas pela ditadura militar, eu o reencontrei na Universidade de São Paulo. Sua argúcia crítica aplicava-se a um amplo campo de leituras, de literatura brasileira e de outras, que abria perspectivas de análise e interpretação inovadoras. A lição vinha das suas aulas e das conversas alimentadas por um saudável bom humor, nos bancos do prédio das Colmeias, onde funcionavam os cursos de Letras, e nos encontros e seminários que frequentamos na USP e fora dela, durante anos a fio. Mantivemos uma amigável convivência até o seu falecimento.

Gostaria também de ressaltar a importância de Antonio Candido como meu professor e também amigo e conselheiro. Num do seus cursos, o professor analisava várias correntes de crítica literária. Escrevia no quadro, em coluna à esquerda, os pontos positivos; e à direita, os pontos negativos. No final do curso fazíamos prova escrita e oral. Durante a prova oral, logo que entrei na sala, disse,

rindo, que não iria me perguntar nada sobre a matéria, tendo em vista o meu estágio avançado de gravidez. Conversa vai, conversa vem, foi introduzindo aos poucos o assunto da matéria e perguntou tudo a que tinha direito...

Junto com a Cida e queridos professores colegas de Letras, Antonio Candido foi um dos responsáveis a ajustar o rumo das minhas atividades mediante transferência para a área de Literatura Brasileira. Desde então, passou a me receber gentilmente em sua casa, no bairro do Itaim Bibi, depois no apartamento do Jardim Paulista. Foram horas e horas de conversa e almoços na companhia da dona Gilda, sua esposa, por vezes também com uma ou outra filha.

O privilégio de contar com a presença próxima de professores continuou na minha segunda etapa de atividades na USP, já ligada então à Literatura Brasileira. Continuei a conviver com os mestres anteriores. E outros foram ganhando espaço nesse percurso de meu aprendizado: José Aderaldo Castello, Décio de Almeida Prado, Alfredo Bosi, entre outros, além dos tantos colegas, de quem também recebia lições diárias de literatura e de vida.

Hoje, reexaminando o papel de cada mestre que atuava nos cursos de pós, fica nítida a colaboração de cada um na construção de um legado cultural que nos acompanha pela vida afora. Seja na compreensão da literatura colonial, do teatro brasileiro, da literatura do século XIX e de outras literaturas, repertório que fica independentemente da matéria ensinada – fica, sobretudo, o exemplo da postura diante do trabalho e da vida, como aprimoramento de sensibilidade estética e reforço do poder de resistência contra ameaças a valores humanísticos.

Não foi logo no primeiro semestre de atividade que passei a dar aulas de pós-graduação de Literatura Brasileira. Houve um período de adaptação em programas curriculares que procuravam incluir quase todas as fases da literatura brasileira, do período colonial até tempos mais recentes. O projeto de trabalhar em cursos com a obra de Clarice Lispector, que lia desde meus tempos de Brasília, foi aos poucos se consolidando. Ao constatar que não havia curso específico sobre Clarice Lispector na programação da disciplina, a ocasião fez seu papel: esse curso foi integrado ao programa de pós-graduação de literatura brasileira em 1983. Desde essa época, até me aposentar, voltei a oferecer o curso, sempre ampliando o leque das preocupações, ora me detendo não mais apenas em contos, mas em outros gêneros narrativos cultivados pela escritora, ora também me estendendo a leituras de caráter comparatista, dessa literatura com demais escritores e escritoras de literatura brasileira e de outras literaturas.

Durante os primeiros anos trabalhei com doze professores. E que professores! Era a única docente, sim, do sexo feminino. E pude constatar que ali, naquele ambiente, nunca passei por nenhum tipo de constrangimento. Nem quando ingressei na área da disciplina nem quando outros docentes a ela foram se agregando, no decorrer dos anos. Esse fato pode parecer óbvio, mas não é: antes de trabalhar com os novos colegas de literatura brasileira, havia passado por momentos difíceis, quando senti o poder viscoso do autoritarismo e da prepotência autoritária machista. Nem tudo são flores... ou seja, nem tudo foram flores...

A USP como polo de concentração de estudantes de vários estados brasileiros confirmou-se. E no repertório dos alunos que orientei foram incorporados assuntos de teses e dissertações sobre a obra de Clarice Lispector e sobre autores de várias épocas.

Detenho-me, no entanto, no grupo que se interessou pelo estudo de Clarice Lispector, tendo em vista certas dificuldades que eu e eles tivemos de enfrentar, isto é, os desafios que se apresentavam diante de um novo tipo de pesquisa: a análise de documentos depositados no Arquivo Clarice Lispector do Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Eis um motivo de satisfação pessoal que tive nesse período de atividade: a oportunidade de acompanhar a pesquisa de alunos meus no referido arquivo, que gerou a formação de uma equipe de vida longa – ela se desdobra até os dias atuais – e que marcou de modo significativo a história das pesquisas sobre Clarice Lispector desenvolvidas na Universidade de São Paulo.

Os documentos do espólio de Clarice Lispector começaram a ser depositados na Fundação Casa de Rui Barbosa logo depois da morte da escritora, ou seja, após 9 de dezembro de 1977. Nesse mesmo mês alguns documentos foram encaminhados. E depois outros lotes, ao longo das décadas seguintes, num total de quase 3 mil unidades. Como o inventário só seria organizado por Eliane Vasconcellos e publicado em 1993, nós – eu e alunos de pós – trabalhamos durante uma década de modo um tanto aleatório: abríamos grandes envelopes de papel pardo e dali saíam manuscritos, datiloscritos, carteiras profissionais e demais documentos pessoais, recortes de jornais e revistas, cartas, fotos... Impossível prever o que iríamos encontrar. Daí a dificuldade para vencer as etapas. Daí também o encanto da surpresa na descoberta de novas informações.

Esse trabalho conjunto gerou frutos valiosos. Formou-se uma equipe competente cujo mérito reside na persistência desses pesquisadores incansáveis, que juntavam suas economias (nem sempre contavam com bolsas) para permanecerem no Rio de Janeiro durante dias, em diferentes épocas do ano, com o objetivo de colher dados para os respectivos trabalhos.

E o trabalho rendeu frutos. Foram dezenas de textos divulgados em congressos nacionais e internacionais e publicados ora sob a forma de artigos em revistas especializadas, ora sob a forma de livros. Esse volume de trabalho de qualidade dos alunos me deixa a satisfação de dever cumprido.

Ao fim e ao cabo, o olhar para o legado se justifica positivamente em função, pois, de duas vertentes: a dos mestres que tive e a dos alunos que acompanhei, com a nítida sensação de que uma boa formação cultural acontece quando há empenho e dedicação, mas também quando existe a mútua compreensão entre os envolvidos nessa empreitada e quando existe o elo do afeto – laços que sustentam o suporte de um trabalho profissional tanto ligado à literatura quanto à vida.



Professora Nádia Battella Gotlib (Foto: João Avelino. Arquivo pessoal da professora Nádia).

apêndice: ilustrando a memória

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
CAIXA POSTAL 8.105
SÃO PAULO (BRASIL)

São Paulo, 10 de novembro de 1964

Exco. Sr. Professor
Dr. Jayme Cavalcanti
M.D. Presidente
Fundação de Amparo à Pesquisa

Senhor Presidente:

No ano passado tive oportunidade de solicitar à Fundação a concessão de duas bolsas às licenciadas Maria Helena Grembecki e Teresinha Aparecida Jardim Porto, a fim de efetuarem pesquisa no acervo de Mário de Andrade. Não tendo sido possível atender naquela ocasião, tomo a liberdade de voltar à sua presença, pedindo que considere a oportunidade para 1965. Quanto à fundamentação do pedido, reporte-me ao que já escrevi em tempo a V.Excia., notando apenas que o tema da segunda candidata mencionada sofreu reformulação.

Certo da sua atenção, agradeço desde já e apresento os meus mais atenciosos cumprimentos

A.C. de Mello G.

Antonio Candido de Mello e Souza
Professor de Teoria Literária e Literatura Comparada

Carta de Antonio Candido endereçada à FAPESP, com pedido que levou à concessão de uma das primeiras bolsas de estudos da área de Letras, cedida a Maria Helena Grembecki e Teresinha Aparecida Jardim Porto (Telê Ancona Lopes). A foto da carta foi cedida por Antonio Dimas e faz parte de sua pesquisa em andamento em torno da inserção da área de Letras na FAPESP, operada por Antonio Candido, nos anos 60. A este respeito, Dimas já publicou um artigo em Revista USP, São Paulo, n. 118, julho/agosto/setembro 2018.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS E VERNÍCULAS
LITERATURA BRASILEIRA

LINHAS de PESQUISA

05. Etapas do regionalismo.
Estudos dos problemas do regionalismo em sua origem, conceito, evolução e atual situação, procurando definir a situação e importância dos regionalistas na literatura brasileira.
- | | |
|-----------------------|-------|
| 1. Alcides Villaça | (M) |
| 2. Alfredo Bosi | (M/D) |
| 3. Antonio Dimas | (M/D) |
| 4. Cecília de Lara | (M/D) |
| 5. Flávio Aguiar | (M/D) |
| 6. J. A. Hansen | (M/D) |
| 7. J. C. Garbuglio | (M/D) |
| 8. J. M. Wisnik | (M/D) |
| 9. Luiz Roncari | (M) |
| 10. Nádia Gotlib | (M/D) |
| 11. Roberto Brandão | (M/D) |
| 12. Telê Ancona Lopes | (M/D) |
| 13. Zenir C. Reis | (M/D) |
| 14. Valentim Facioli | (M) |
06. Literatura e cultura popular.
Estudo da produção literária e cultural, com ênfase na produção simbólica e na produção cultural.
07. Literatura e cultura popular.
Estudo da produção literária e cultural, com ênfase na produção simbólica e na produção cultural.
08. Poesia brasileira modernista e cultura popular.
01. O Barroco e o movimento academicista no Brasil do séc. 17 ao 18.
Com base na pesquisa para levantamento de éditos em arquivos, bibliotecas, etc. visa ao estudo das manifestações do barroco no Brasil, como movimento artístico e literário, relacionado com a organização das Academias históricas, científicas e literárias, festejos públicos e comemorações.
02. Periódicos, revistas e jornais como difusores de literatura do séc. 19 aos dias de hoje.
Levantamentos de revistas literárias para estudos sistemáticos de conteúdo, classificação e análise, com organização de índices de autores e de assuntos e de índices remissivos, relacionados com a formação de grupos ou de movimentos literários de diferentes movimentos, conforme o período de existência ou de atuação do periódico.
03. Pesquisas individuais sobre os seguintes periódicos: A Revista, Diário de Minas, Revista do Brasil.
Leitura, fichamento e organização de índices de assuntos e de autores e remissivo de cada periódico além do estudo crítico da sua matéria.

Relação de linhas de pesquisa do Programa produzida em 1994 (arquivo cedido pelo professor Hélio de Seixas Guimarães).

04. O romance e o conto contemporâneos.

Levantamento de narradores e respectivas obras a partir dos anos 20, para seleção e estudo ou de conjuntos ou por autor ou de obra isolada, visando ao reconhecimento de características próprias e de tendências e constantes comuns.

05. Etapas do regionalismo.

Estudos dos problemas do regionalismo em sua origem, conceito, evolução, distinção e diferenciação, procurando definir a situação e importância de cada um dos autores regionalistas na literatura brasileira.

06. Literatura e Colonização.

Estudo das articulações entre a condição colonial e a produção simbólica dos três primeiros séculos de nossa vida cultural.

07. Literatura e Colonização.

Estudo do mito e da ideologia na prosa dos cronistas do séc. 16 e 17; estudo da poesia e da catequese na obra de Anchieta; estudo das contradições da colonização na poesia mineira, com destaque para o Uruguai.

08. Poesia brasileira modernista e cultura popular.

Estudo da poesia negra de Jorge de Lima; do popular e do cultor na lírica pós-modernista.

09. Estudo da oratória parlamentar brasileira e das formas oratórias na ficção do séc. 19.

Levantamento bibliográfico e análise de estudo dos textos.

10. Exploração de arquivo de escritores.

Estudo de aspectos da criação de um escritor através do levantamento da documentação de seu arquivo pessoal, complementada pela pesquisa em outras fontes.

11. Literatura feminina brasileira (Séc. 20).

Levantamento e análise crítica da produção literária de escritoras brasileiras do século 20, discutindo as possíveis especificidades dessa produção.

12. O conto de Clarice Lispector.

Análise crítica dos contos de C. L. com o objetivo de

detectar a sua linha de evolução.

13 **Relações entre música e linguagem verbal.**
Reflexão teórica e estudo histórico sobre as aproximações entre música e literatura.

14 **Cultura brasileira e música popular.**
Análise e crítica do papel desempenhado pela música popular no conjunto da cultura brasileira, em especial em suas relações com a literatura.

15 **O conto brasileiro.**
Análise e crítica dos contistas brasileiros com objetivo de determinar sua linha de evolução.

16 **Euclides da Cunha.**
Reexame da sua obra e função exercida na cultura brasileira: reinterpretação de toda sua obra; exame da bibliografia; da sua posição e função nos quadros brasileiros.

17 **As poéticas implícitas na poesia brasileira contemporânea.**
Levantamento e estudo das poéticas contidas na poesia brasileira contemporânea. Estudo das relações entre reflexão e criação como traço marcante da poesia atual.

18 **Retórica do cômico na L. B.: a obra de Millor Fernandes.**
Estudo das estruturas lingüísticas literárias e sociais na L.B.

19 **Processo de autonomização da literatura brasileira.**
Pesquisa sobre as origens das imagens com que se fixou o processo de autonomização da literatura brasileira em relação a sua matriz lusa, em autores dos séculos 19 e 20.

20 **Etapas do regionalismo.**
Estudos dos problemas do regionalismo em sua origem, conceito, evolução, distinção e diferenciação, procurando definir a situação e importância de cada um dos autores regionalistas na literatura brasileira.

21 **Análise e interpretação de textos narrativos.**
Estudo das articulações entre obras narrativas brasileiras dos séculos 19 e 20.

- 22 **Poesia brasileira moderna e contemporânea.**
Estudo da convergência entre estilo, poética e contexto cultural na obra de autores do século 20. Estudo comparativo e análise interpretativa das tendências.
- 23 **Memorialismo, biografismo, epistolografia.**
Estudo das aproximações entre narrativas biográficas e narrativas ficcionais em textos de autores modernos e contemporâneos.
- 24 **Literatura e sociedade no Brasil.**
Levantamento de problemas teóricos e históricos; análise de texto.
- 25 **Literatura e cultura popular.**
Levantamento de problemas teóricos e contextualização histórico-social das culturas do povo em sua relação com a literatura. Análise da literatura oral.
- 26 **Literatura e jornalismo.**
Análise e interpretação de textos jornalísticos; discussão das relações entre literatura e jornalismo.
- 27 **O teatro brasileiro.**
Estudo da obra de criação, do pensamento teórico e da ação no exercício profissional de dramaturgos brasileiros e de atores de relevo histórico do teatro brasileiro do Romantismo ao Modernismo.
- 28 **Literatura e música no Brasil.**
Reflexão teórica e estudo histórico sobre as aproximações entre música e literatura no Brasil. Análise crítica do papel desempenhado pelo músico popular no conjunto da cultura brasileira.
- 29 **Literatura e subjetividade.**
Discussão dos problemas levantados pela questão do sujeito na literatura moderna e contemporânea brasileira. Psicanálise e literatura.
- 30 **Edições críticas.**
Preparo de textos restabelecidos e de edições críticas com base no Arquivo e Biblioteca do IEB-USP e em outros.

31 A crônica no Brasil.

Análise crítica da crônica no Brasil com o objetivo de determinar sua linha de evolução.